



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

**A VIAGEM DO VISCONDE:
Varnhagen e a capital no interior do Brasil**

Juliana Rodrigues Freitas
09/0142764

Orientador: Prof. Fernando Oliveira Paulino

Brasília, setembro de 2012

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

**A VIAGEM DO VISCONDE:
Varnhagen e a capital no interior do Brasil**

Projeto experimental apresentado
ao Curso de Comunicação Social
da Faculdade de Comunicação da
Universidade de Brasília como
componente parcial para obtenção do
título de Bacharel em Comunicação
Social - Jornalismo. Orientador:
Fernando Oliveira Paulino

Juliana Rodrigues Freitas

Brasília, setembro de 2012

Juliana Rodrigues Freitas

A VIAGEM DO VISCONDE: Varnhagen e a capital no interior do Brasil

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do
título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo

Banca Examinadora

Professor-orientador Fernando Oliveira Paulino

Professor David Renault da Silva

Professor Sérgio de Sá

Data 09/10/2012

“Fixei-me na epopeia que havia sido a construção de Brasília. Rapidez. Decisão. Determinação. (...) E, às 9 horas do dia 21 de abril de 1960, declarei, no salão de despachos do Palácio do Planalto, esta solene frase: ‘Declaro inaugurada Brasília, capital dos Estados Unidos do Brasil.’”

Juscelino Kubitschek

AGRADECIMENTOS

À Deus, em primeiro lugar. Por ocupar lugar de destaque em minhas decisões, me dar forças e me permitir sonhar. Aos meus familiares, em especial à minha mãe, que mesmo não estando mais entre nós muito antes de eu iniciar o curso, já havia sonhado com este dia. Aos meus amigos, por compreenderem minha ausência e apostarem nos meus sonhos. Ao professor Fernando Paulino, pelo carinho, amizade, por entender minhas crises, propor soluções e acreditar que eu conseguiria. À Gizele Chaves, que é mais que uma companheira de trabalho e ideias, é também uma amiga. À Julliana Lopes, que aceitou com carinho a tarefa de diagramar a reportagem e varou madrugadas para cumprir esta tarefa. À Danyele Soares, por partilhar das mesmas angústias e pela carona diária. Ao Filipe, meu amigo e meu amor. Por tudo, em todos os momentos.

RESUMO

O trabalho aqui proposto tem como objetivo a produção de uma grande reportagem a respeito da viagem de Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, ao interior do Brasil, em 1877.

O jornalismo vem demonstrando ser não apenas mecanismo de registro do presente, mas também importante ferramenta de resgate do passado e, por isso, mantém relações estreitas com a história. Um misto de trabalho histórico e jornalístico, no qual é relatada a passagem do diplomata, historiador e intelectual brasileiro – um dos primeiros idealizadores da Capital no centro do Brasil, em meados do século XIX – pelo interior de Goiás para mapear a melhor localidade para a instalação da nova sede do governo e suas implicações. A viagem teve como resultado a indicação da atual região do Distrito Federal, mesmo que isto tenha ocorrido 83 anos antes da inauguração de Brasília.

Os antecedentes históricos da construção de Brasília são de conhecimento de um grupo restrito de pessoas. Este trabalho pretende ser mais um incentivo para que todos os personagens que fazem parte da história do Distrito Federal sejam conhecidos e reconhecidos.

Palavras-chave: Brasília, história, reportagem, Varnhagen

ABSTRACT

The present paper aims to produce an major report about the trip of the Visconde de Porto Seguro, Francisco Adolfo de Varnhagen, to the Brazilian country side in 1877.

Journalism has proven to be not only just a mechanism to register the present, but also an important rescue tool of the past and therefore has close links with history. A mix between historical and journalistic work, in which is reported the passage of a diplomat, historian and Brazilian intellectual - one of the first idealizers of the Capital in the center of Brazil, in the mid nineteenth century - through the Goiás country side to map the best location for the installation of the new government headquarters and its implications. The trip resulted in the current location of the Distrito Federal region, even though it occurred 83 years before the inauguration of Brasília. The historical background of the Brasília's construction are known by a select group of people. This work intends to be another incentive for that all the characters that took part in history of the Federal District are known and recognized.

Keywords: Brasília, history, article, Varnhagen

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. JUSTIFICATIVA.....	10
3. OBJETO E OBJETIVO	12
4. PERGUNTAS	13
5. REFERENCIAIS TEÓRICOS	13
5.1 Referências sobre a grande reportagem	14
5.2 Referências sobre o Visconde de Porto Seguro	18
6. METODOLOGIA	21
7. CONCLUSÃO	25
8. ORÇAMENTO	26
9. REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

Muito antes de Juscelino Kubitschek vir a Brasília em 1955 e retomar a ideia de interiorização da capital também muito debatida nos anos 1920, outros já a haviam pensado no centro do país. E mais, já haviam nomeado-a Brasília: Hipólito José da Costa, José Bonifácio, entre outros intelectuais, políticos e pensadores do século XIX. Mas foi Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, quem primeiro visitou as paisagens do sertão de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais e definiu a melhor localização para a nova capital, em 1877.

Historiador e diplomata, Varnhagen recebeu em 1872 o título de Barão de Porto Seguro e, dois anos mais tarde, foi elevado a visconde. Escreveu os livros *História Geral do Brasil*, em seus vários volumes. Devido a sua morte, em 1878, encerrou sua carreira diplomática em Viena, na Áustria, um ano após a visita ao sertão brasileiro. Foi nesta viagem que Varnhagen, foi muito além de todos os outros entusiastas que sugeriram a interiorização da capital, pois visitou as paisagens, conheceu o clima e a vegetação do local que os mapas haviam indicado:

Resolvemos pois pedir do Governo uma licença afim de nos ausentarmos por seis mezes do posto honroso que occupâmos, e emprehendermos (levando connosco os competentes instrumentos, incluindo nada menos que tres barometros) á custa de quaesquer trabalhos e sacrificios, em quanto para elles nos sentiamos com fôrças, uma penosa viagem a cavalo, nada menos que até á cidade de Goyas, por nossas primitivas estradas, para *de visu*, e como antigo engenheiro, reconhecer essa notavel paragem que a contemplação e estudo dos melhores mappas nos havia revelado; e ver se ella correspondia perfeitamente ás condições de bondade de clima e outras essenciaes ao nosso propósito, ou se, *bona fide*, nos cumpria a tempo regeita-la e buscar outra n'um dos dois mencionados chapadões (VARNHAGEN, 1877: 25).

A primeira incursão ao interior do Brasil – antes mesmo da Missão Cruls¹ – a fim de definir a melhor localização da Capital, foi descrita, em um diário pessoal do diplomata. O próprio Varnhagen prometeu publicar suas anotações, como diz em trecho do livro *A Questão da Capital: Marítima ou no Interior?*:

¹ O presidente Floriano Peixoto criou a Comissão Exploradora do Planalto Central, em 1892, cumprindo o que estabelecia a Constituição de 1891 e entregou a sua chefia ao engenheiro e geógrafo belga radicado no Rio de Janeiro, Louis Ferdinand Cruls – ou Luiz Cruls –, que era diretor do Observatório Imperial. O objetivo desta Comissão era proceder à exploração do Planalto Central da República e à consequente demarcação da área a ser ocupada pela futura capital. Durante dois anos, entre 1892 e 1894, Luiz Cruls mais 22 pesquisadores percorreram mais de quatro mil quilômetros. O resultado desta expedição foi um relatório da região com aspectos geológicos, geográficos e climáticos, que determinou a demarcação do quadrilátero, que mais tarde ficou conhecido como Quadrilátero Cruls.

Algum dia, Deus mediante. depois de acabar a nossa *Historia da Independencia*, publicaremos o diario desta viagem (que resultou até em proveito de nossa saúde), com as observações feitas, especialmente com respeito a orographia dos pontos percorridos na ida e volta; o que tudo apontávamos em cada noite. apesar das fadigas do caminho, e depois de haver andado, desde as 6 da manhã, às vezes oito e nove leguas (VARNHAGEN, 1877: 25).

Meses depois, em 29 de junho de 1878, o Visconde faleceu e o diário da primeira incursão ao interior do país – com o objetivo de escolher a melhor localização para a nova capital – perdeu-se. Não se sabe, ao certo, se este diário permaneceu manuscrito ou chegou a ser impresso. O que se sabe é que nunca foi encontrado por historiador algum. Portanto, o trabalho a seguir destina-se a investigar os caminhos percorridos pelo Visconde de Porto Seguro, enquanto esteve no Brasil com o objetivo de indicar a futura sede do poder. A ideia é desvendar um pouco da personalidade do Visconde e por que esta região foi escolhida.

2. JUSTIFICATIVA

A história de Brasília, antes de sua criação, e daqueles que aqui viviam não é, em si, uma ideia original. Diversos historiadores já haviam se debruçado sobre o tema, com o objetivo de descobrir se a região na qual foi demarcado o quadrilátero do Distrito Federal já tinha uma história ou era uma folha em branco. Luiz Ricardo Magalhães, mestre em História pela Universidade Federal de Goiás, estudou o tema e publicou o livro *Sertão Planaltino: Uma outra história de Brasília*, no qual empenhou-se em contar a história da região dos planaltos (mais precisamente Formosa, Planaltina e Luziânia) e dos sertanejos que viviam ali, antes da chegada da capital.

Quem também se interessou pela pré-história de Brasília foi o carioca, criado em Brasília, Gustavo Chauvet. Mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília, Chauvet pesquisou os caminhos de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera II, que percorreu o trajeto realizado anteriormente por seu pai, Anhanguera I, que passa por São Paulo, Goiás, Minas Gerais e Distrito Federal. Além dos caminhos de Anhanguera, Gustavo Chauvet também pesquisou a região de Formosa e publicou o livro *Brasília e Formosa: 4500 anos de história*, no qual conta a história do município goiano que cedeu, juntamente a Planaltina e Luziânia, terras para o atual Distrito Federal.

Estes pesquisadores se encantaram pela história de Brasília, que não tem a devida visibilidade aos planaltinos (aqueles que viviam no Planalto Central), povos que ficaram invisíveis aos olhos da História.

Para começar a história do Visconde de Porto Seguro, é necessário ir mais longe do que os anos de 1956 – quando foram iniciadas as obras da construção de Brasília – e saber que a ideia da mudança da capital para o Planalto Central do Brasil não se inicia nesta data. Até Juscelino Kubitschek admitiu isso, brevemente, no primeiro parágrafo de seu livro, *Por que construí Brasília*:

Como nasceu Brasília? A resposta é simples. Como todas as grandes iniciativas, surgiu quase de um nada. A ideia da interiorização da Capital do País era antiga, remontando à época da Inconfidência Mineira. A partir daí, viera rolando através das diferentes fases da nossa História: o fim da era colonial, os dois reinados e os sessenta e seis anos da República, até 1955. Pregada por idealistas, chegou, mesmo, a se converter em dispositivo constitucional (KUBITSCHKEK, 1975: 7).

O Visconde de Porto Seguro, Francisco Adolfo de Varnhagen, o primeiro idealista da nova capital que visitou a região central do Brasil, foi por muitos momentos personagem principal da narrativa de Luiz Ricardo Magalhães. Um dos mais importantes historiadores do Brasil e intelectual reconhecido, o Visconde empreendeu-se, aos 61 anos, na fadigosa viagem ao interior do país para observar o local que serviria para a reinvenção da nação.

Todavia, não existe um relato detalhado da aventura que balizaria não só onde deveria ser instalada a capital, como guiaria também as discussões sobre o assunto durante anos. O que existe é uma espécie de relatório, no qual o diplomata faz mais uma de suas defesas a respeito da mudança da capital e registra sua ida ao estado do Goiás. Refazer a viagem de Varnhagen é um empreendimento interessante, que complementaria a história de uma Brasília que não é conhecida, nem reconhecida. Também estimula “novas verdades sobre a história de Brasília” – como prevê o texto escrito pela professora da Faculdade de Ciência da Informação, da Universidade de Brasília, Dra. Maria Alice Guimarães Borges, na badana do livro de Luiz Ricardo Magalhães.

Não foi feito um diário de viagem de Varnhagen. Mas foi possível investigar, apurar e por meio de documentos e relatos, transportar as informações obtidas para uma narrativa jornalística.

A importância do trabalho deriva do fato de que foram somados muitos esforços para definição do local exato onde seria a capital e de sua própria construção. Depois dos escritos de Varnhagen, veio o "Projeto de Lei de Mudança da Capital", em 1852, em parte inspirado

nos escritos do Visconde que “constitui a Comissão Especial de Mudança da Capital da República”. Já o 3º artigo da Constituição de 1891 destinava à União, no Planalto Central, uma zona de 14.400 quilômetros a ser demarcada para que fosse estabelecida a futura Capital Federal. “Fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital Federal” (Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, 1891). Em 1892, o presidente Floriano Peixoto designou uma comissão, presidida pelo diretor do Observatório Nacional, Luiz Cruls, para que fosse demarcada a área e feitos estudos sobre o local, o que foi realizado ao longo de três anos.

Até o fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis, tocou no assunto em sua crônica semanal de 22 de janeiro de 1893, dando notícias sobre a Missão Cruls:

A questão da Capital está na ordem do dia (...). Quanto à capital da república, é matéria constitucional, e a comissão encarregada de escolher e delimitar a área já concluiu os seus trabalhos, ou está prestes a fazê-lo, segundo li esta mesma semana. Telegrama de Uberaba diz que ali chegou o chefe, Luís Cruls. Não há dúvida que uma capital é obra dos tempos, filha da história. A história e os tempos se encarregarão de consagrar as novas. A cidade que já estiver feita, como no Estado do Rio, é de esperar que se desenvolva com a capitalização. As novas devemos esperar que serão habitadas logo que sejam habitáveis. O resto virá com os anos.²

Saber sobre o passado, sobre as origens do local onde se vive, sobre a história do país, não só é importante como desperta curiosidade. Prova disso foi a comoção causada com a divulgação das mensagens deixadas por candangos encontradas em agosto de 2011 nas paredes do Congresso Nacional.³ Muitos brasilienses e brasileiros se emocionaram com as mensagens de esperança, amor e sonhos que fazem parte da história da construção de Brasília.

Por tudo isso, contar mais uma parte da história de Brasília é, além do já explicitado, de interesse dos brasileiros.

3. OBJETO E OBJETIVO

² Crônica disponível em

http://www.cronicas.uerj.br/home/cronicas/machado/rio_de_janeiro/ano1893/22jan1893.html

³ *Trabalhadores que construíram o Congresso deixaram mensagens de 1959*, matéria da Agência Câmara, publicada em 11/08/2012 no Correio Braziliense, disponível em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/08/11/interna_cidadesdf,265191/trabalhadores-que-construiram-o-congresso-deixaram-mensagens-de-1959.shtml

O objeto do trabalho é a viagem do Visconde de Porto Seguro, Francisco Adolfo de Varnhagen, ao interior do Brasil realizada em 1877 e seus desdobramentos.

O objetivo é produzir uma grande reportagem sobre a viagem do intelectual, que foi o indicador da capital, a partir de pesquisa bibliográfica, de documentos, de relatos de historiadores e de especialistas sobre o tema. Esta reportagem relata o que, possivelmente, o visconde encontrou no Planalto Central, somados a contextualização histórica e atual dos acontecimentos a respeito transferência da capital.

4. PERGUNTAS

A principal pergunta que o trabalho pretende responder é: como construir uma grande reportagem sobre a viagem realizada pelo Visconde de Porto Seguro, Francisco Adolfo de Varnhagen em 1877, utilizando bibliografia e entrevistas? A partir desta pergunta surge outra: quem foi o Visconde – morador de Viena, na Áustria – e o que o motivou a vir ao Brasil no lombo de uma mula para conhecer o interior do Brasil?

5. REFERENCIAIS TEÓRICOS

O que seria a reportagem senão o registro histórico de um acontecimento? Além do caráter informativo da notícia, ela também guarda informações, sentimentos e a proporção de um dado acontecimento. Escrever uma notícia ou reportagem, seria então contar uma mini-história, ou parte de uma história. Segundo Agnès Chauveau e Philippe Tétart, em *Questões para a história do presente*, no qual organizaram a produção de oito historiadores que trataram em seus trabalhos o “Tempo Presente”, para Jacques Le Goff (autor de *La Nouvelle Histoire*) a história do presente é, frequentemente, feita de melhor maneira por alguns grandes jornalistas, além de sociólogos e politólogos (CHAUVEAU & TÉTART, 1999: 11).

Ainda no livro organizado por Chauveau e Tétart, Jean-Pierre Rioux, discorre, no artigo *Entre História e Jornalismo* sobre os jornalistas e os historiadores e sobre a maneira como tratam as fontes, as informações e os relatos. Apesar de enumerar as diferenças, Rioux

apresenta, posteriormente, as mudanças que levaram os jornalistas a serem encarados como historiadores da “história do presente”:

Uma das mais importantes para nosso propósito foi, sem dúvida, o domínio da abundância documental no trabalho das redações: através da informação das bases, dos bancos de dados e da própria fabricação do “papel” que se pode alimentar quase à vontade no “doc”, na pesquisa mais avançada e multiplicada junto aos correspondentes locais, da fabricação do dossiê em estilo *news*, da exibição da memória arquivada do jornal que dá consistência a seu propósito, pela fama também dos suplementos que ajudam a relativizar a atualidade e a refletir sobre ela, o exame da atualidade tornou-se uma crônica durável, tomou uma textura e uma espessura que o aproximam mais de um produto histórico (RIOUX, in CHAUVEAU & TÉTART, 1999: 123).

Assim, é possível compreender que se é possível fazer uma história do presente, como jornalista, talvez seja possível ultrapassar esta definição e também contar uma história do passado. Segundo Edvaldo Pereira de Lima, se considerarmos que uma reportagem, grande reportagem ou um livro-reportagem conduz a um resgate histórico, a recuperação de um episódio épico, ampliando os limites temporais sobre os quais normalmente trabalha o jornalismo e aproximando-se da tarefa historiográfica, mas com sua própria especificidade, poderemos contar uma história do passado sem nos afastarmos do jornalismo (LIMA, 1993: 197). A questão torna-se então: como seria possível, então, fazer uma grande reportagem? Qual seria a melhor maneira jornalística de contar esta história?

5.1. Referências sobre a grande reportagem

Ao refletir sobre como contar a história de Varnhagen, uma solução apresentou-se como o melhor caminho: a grande reportagem. Mas vamos começar pela ideia de reportagem.

Os conceitos de reportagem, em geral, levam a caminhos muito mais longos do que os das notícias reportadas diariamente pela grande imprensa⁴. Os manuais de redação, orientadores da produção jornalística, abordam a definição de reportagem e recorrem a argumentos como o que sugere o *Manual de Redação da Folha de S. Paulo*, “é recomendável que o repórter estude o tema a que a reportagem se refere.” O manual da Folha também deixa claro a importância da reportagem para o jornal: “núcleo essencial” (LINS DA SILVA &

⁴ A expressão grande imprensa, apesar de consagrada, é bastante vaga e imprecisa, além de adquirir sentidos e significados peculiares em função do momento histórico em que é empregada. De forma genérica designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro.

SANTOS, 1996: 122). Sobre o conceito de reportagem, o tradicional *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, dá a definição e diferencia-o da notícia:

A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e consequências. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos. Abre o debate sobre o acontecimento, desdobra-o em seus aspectos mais importantes (...). A notícia não esgota o fato; a reportagem pretende fazê-lo (MARTINS org., 1997: 254).

Em *Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari também distinguem notícia e reportagem. Para eles, cada um dos gêneros jornalísticos são funções diferentes e que produzem efeitos diferentes conforme o objetivo do emissor e que a linha entre uma notícia contextualizada e uma reportagem é tênue:

Um fato pode ser tão importante que sua simples notícia ou uma enorme reportagem a respeito dele vão sempre procurar documentar seus aspectos referenciais, porque aí está a expectativa do leitor. Já um episódio de restrito interesse só ultrapassará o mero registro se envolto em circunstâncias que conduzirão o leitor a um posicionamento crítico, revelando-lhe ângulos insuspeitados, salientando outros apenas entrevistados – enfim, iluminando e ampliando a visão sobre determinado assunto. Essa talvez, a função distintiva entre notícias e reportar (SODRÉ & FERRARI, 1986:36).

Para Ana Beatriz Magno, autora da dissertação *A Agonia da Grande Reportagem*, o gênero, tratado como essencial no jornalismo pelos manuais de redação, está um tanto ausente das grandes publicações, principalmente as diárias. Para ela, a reportagem é o mais sofisticado dos gêneros jornalísticos, tanto no ponto de vista da apuração, como no ponto de vista da narrativa. É o gênero que se preocupa em informar, mas fugindo de uma abordagem superficial. Para Magno, “a reportagem é o único momento em que o profano jornalismo encosta na historiografia e tem valor documental” (MAGNO, 2006: 119).

Para Cláudio Abramo, um dos mais importantes jornalistas brasileiros, não há, a rigor, uma definição nítida do que seja a reportagem. Em *A Regra do Jogo*, livro publicado pouco depois de sua morte, em 1987, e organizado por seu filho Cláudio Weber Abramo – há depoimentos prestados por Abramo num período de dez anos e uma coletânea de artigos e crônicas. O jornalista apresentou uma hipótese do que seja a reportagem:

A reportagem é uma narrativa, simplesmente uma narrativa. Ela depende muito do poder de observação do narrador, da maneira de transmitir essa observação em palavras e de saber concatenar bem a forma de expressá-la. Uma observação

cuidadosa não é necessariamente uma boa reportagem. Mas uma boa reportagem é necessariamente fruto de uma observação cuidadosa. Uma observação cuidadosa de um fato histórico pode se constituir história e uma observação cuidadosa de um fato não histórico é tipicamente uma reportagem. Tucídides, por exemplo, na *Guerra do Peloponeso*, fez uma observação tão cuidadosa da peste em Atenas que foi possível, na Idade Moderna, identificar qual foi a doença que atingiu seus habitantes (ABRAMO, 1988: 111).

Um dos gêneros mais clássicos e considerado ponto alto do fazer jornalismo, ainda é pouco estudado enquanto gênero jornalístico. Para Magno, apesar de ser um objeto de trabalho e de pesquisa fascinantes, ainda pouco se estudou a respeito no Brasil. “As raras obras se resumem a coletâneas de matérias. Nas universidades brasileiras, muitos autores se dedicam a entender a lógica da notícia, mas poucos investigam a essência da reportagem” (MAGNO, 2006: 34).

Segundo o mestre e doutor em Ciências da Comunicação, Edvaldo Pereira Lima, autor de *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, “a notícia deve corresponder ao acontecimento real que seja de interesse a pelo menos um grupo importante dentre os seguimentos de receptores de uma dada mensagem jornalística.” E, que a atualidade nem sempre significa o que é rigorosamente atual, mas que pode ganhar esta condição se tiver um novo fato que desperta o interesse público para uma ocorrência antiga, por algum artifício que a traga para o presente (LIMA, 1993: 23). Esta definição tem ligação direta com o trabalho apresentado. A história de Varnhagem, mesmo atrelada a um passado distante – meados do século XIX –, ainda possui interesse na sociedade atual, pois faz parte da história de Brasília que, apesar de ter apenas 52 anos de inauguração, tem laços com um passado que diz respeito aos tempos do Império.

Por isso, encontramos na grande reportagem o melhor caminho para justificar a presença do estudo histórico e também para justificar as técnicas do jornalismo no fazer história. Neste contexto, é preciso entender a importância da reportagem. Para isto, recorremos, novamente, a Edvaldo Pereira Lima:

Visando atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade de mensagem jornalística batizada *reportagem*. É a ampliação de um relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande reportagem, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional de tratamento da notícia com *lead* e as pirâmides já mencionadas (LIMA, 1993: 24).

No fazer jornalismo, segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, existe uma variedade de tipos de modelos de reportagem, entre os quais eles enumeram três: reportagem de fatos (*fact-story*), reportagem de ação (*action-story*) e reportagem documental (*quotes-story*). Dentre os modelos, destacamos a reportagem documental, por ser nela, de acordo com os autores, em que a pesquisa e o estudos histórico fazem-se presentes:

É o relato documentado, que apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado (...) A reportagem documental é expositiva e aproxima-se da pesquisa. Às vezes, tem caráter denunciante. Mas, na maioria dos casos, apoiada em dados que lhe conferem fundamentação, adquire cunho pedagógico e se pronuncia a respeito do tema em questão (SODRÉ & FERRARI, 1986: 64).

Para Ricardo Kotscho, no livro *A Prática da Reportagem*, o termo grande reportagem pode parecer pretensioso, mas elas não levam este nome apenas porque realmente são grandes em número de linhas e de páginas de um jornal ou revista, mas também porque este tipo de reportagem significa um investimento muito grande em termos humanos. Segundo ele, “a grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia” (KOTSCHO, 1995: 71).

Ana Beatriz Magno, em *A Agonia da Grande Reportagem*, analisou as reportagens vencedoras do prêmio ESSO de jornalismo de 1965 até 2005 e, para ilustrar a prática da grande reportagem, destacamos aqui uma das reportagens analisadas por ela.

Uma das maiores reportagens realizadas no Brasil, no que diz respeito a tempo, aporte financeiro e de pessoal foi a edição especial sobre a Amazônia, de outubro de 1971, da Revista Realidade, vencedora de dois Essos – o prêmio principal e uma menção honrosa. Nesta reportagem, é possível, por meio de suas 320 páginas, enxergar o fracasso dos grandiosos projetos governamentais, por meio da sofrida vida dos ribeirinhos:

Esse efeito de transposição do leitor até “o lugar dos fatos” produz algo muito mais importante do que apenas a sensação de uma viagem imaginária. Produz identidades entre opostos, promove encontros de classes, de preto e branco, de rico e pobre, de urbano e rural, de jornalista e leitor, de leitor e realidade. O leitor se reconhece no outro, se vê no outro, se vê na realidade (MAGNO, 2006: 33).

Para Magno, esta edição especial da Revista Realidade tem “todos os elementos que caracterizam o mais nobre dos gêneros jornalísticos” e seria excelente fonte de pesquisa para

o retrato de uma época, de uma situação (MAGNO, 2006: 32). O que segundo a autora é característica das reportagens.

Veículos que tradicionalmente publicam grandes reportagens no Brasil são os jornais impressos e as revistas, estando a Revista Realidade, na vanguarda deste tipo de publicação. Na Realidade, ao repórter era permitido apurações mais longas, de cerca de um mês ou mais, além disso, a narrativas das matérias podiam ser feitas em primeira pessoa.

As experiências do novo jornalismo (*new journalism*)⁵, nas décadas de 1960 e 1970 também são exemplos de grande reportagem. Como grandes expoentes neste fazer jornalismo destacam-se Truman Capote, Gay Talese, Tom Wolfe, entre outros, que tinham espaço nas revistas Esquire e New Yorker.

Portanto, é na grande reportagem que o jornalista tem a oportunidade de ir além da produção diária noticiosa, buscando contextos, análises e indo direto à fonte. É na grande reportagem que o jornalista é capaz de ampliar os fatos e (tentar) compreender a realidade.

5.2. Referências sobre o Visconde de Porto Seguro

Francisco Adolfo de Varnhagen nasceu em Sorocaba, São Paulo, em 17 de fevereiro de 1816. Filho de um oficial alemão, engenheiro metalúrgico – Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, que trabalhou no Brasil a convite de D. João XVI, contratado pelo conde de Linhares, logo após a transferência da Corte para o Brasil – e da portuguesa Maria Flávia de Sá Magalhães (MAGALHÃES, 1928: 8).

Ainda menino, aos 8 anos de idade, mudou-se para Portugal, onde fez os cursos primários e secundários e o curso de engenharia militar. Logo depois de formado veio ao Brasil pleitear o reconhecimento de sua nacionalidade brasileira. Poucos meses depois foi admitido como oficial no Imperial Corpo de Engenheiros do Exército Brasileiro.

Sua formação, em Lisboa, foi mais militar, técnica e matemática. Mas estudou também paleografia, diplomática e economia política. Conhece-se pouco, no entanto, da sua formação intelectual. O que se sabe é que apreciava frequentar os arquivos dos lugares por onde passava, os arquivos públicos, essa novidade do século XIX (REIS, 2000: 24).

⁵ Novo jornalismo ou *new journalism* é considerado uma forma diferenciada de prática jornalística que permite a presença da estrutura narrativa literária em seus textos. A geração de “novos jornalistas” passou a se utilizar não só das técnicas, das peças de informação, dos dados, mas da valorização da cena, por meio das descrições e construções. Estando com a fonte o tempo suficiente para observá-la (WOLFE, 2005: 75).

Desde muito jovem, Varnhagen se interessou pelo Brasil e pela escrita histórica. Ainda com 20 anos, estudante em Lisboa, inicia uma pesquisa nos documentos da coroa portuguesa, para compreender melhor a colonização e a formação do Brasil. Aos 23 anos, fez sua primeira contribuição como escritor e, aos 24, já fazia parte do recém criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (VIDAL, 2009: 83). Em 1851, aos 35 anos, recebeu um despacho para Madri, como encarregado de negócios diplomáticos do Brasil. Varnhagen foi embaixador do Brasil em Portugal, na Espanha e na Áustria. Na América, representou o Brasil nos seguintes países: Colômbia, Venezuela, Peru e Chile. E em 1872 recebeu o título de Barão de Porto Seguro, sendo elevado a visconde dois anos mais tarde.

É considerado dentro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e por diversos historiadores, como José Honório Rodrigues e Alice Canabrava (autores de artigos sobre a importância e influência de Varnhagen na historiografia brasileira), o pai da história do Brasil. Antes dele vieram, entre outros, Pero de Magalhães Gândavo, frei Vicente do Salvador, Sebastião da Rocha Pita e Robert Southey que escreveram, respectivamente, *História da província de Santa Cruz (1576)*, *História do Brasil (1627)*, *História da América portuguesa (1730)* e *História do Brasil (1810)*, mas foi Varnhagen o iniciador da pesquisa metódica nos arquivos estrangeiros, onde encontrou e elaborou inúmeros documentos relativos ao Brasil (REIS, 2000: 23).

Segundo o historiador Luiz Ricardo Magalhães, no século XIX havia a ideia de que a história seria o elemento formador de uma nação e Varnhagen, atento a isso, fazia questão de ser parte da formação desta nação chamada Brasil. Por isso, mesmo que depois dos primeiros escritores da história do Brasil, nos anos de 1850, Varnhagen redige a síntese da história do Brasil e publica, em 1854, o primeiro volume: *História Geral do Brasil: descobrimento, colonização e desenvolvimento deste Estado, hoje Império independente*. Com sua *História Geral do Brasil*, Varnhagen trouxe uma visão “mais completa, confiável, documental, crítica, com posições explícitas (...) que superou as obras mencionadas anteriormente sem, no entanto, torna-las descartáveis” (REIS, 2000: 23).

Varnhagen era um apaixonado pelo Brasil, apesar de ter vivido tão pouco tempo em terras brasileiras, e amigo pessoal de D. Pedro II. Também era simpático à coroa portuguesa. Desde seus primeiros escritos para o IHGB demonstrava respeito pelo papel colonizador de Portugal no Brasil. Ele acreditava, seguramente, que a construção de uma ideia de nação brasileira não se baseava numa oposição à Portugal e desconfiava de toda manifestação de nacionalismo por parte daqueles que eram afastados do poder. De acordo com Vidal, esta percepção de uma sociedade brasileira, a partir da ação civilizadora do Estado, o leva,

naturalmente, a interessar-se pela questão da capital do Brasil. “Se o Estado é o coágulo da nacionalidade, então, sua sede, a capital, adquire uma importância estratégica nessa ação” (VIDAL, 2009: 83, 84).

Em 1849, Varnhagen publica, em Madri, o *Memorial Orgânico*, no qual irá dedicar-se, principalmente, à questão da interiorização da capital. “O estudo faz uma crítica contundente à localização inadequada da capital do Império, o Rio de Janeiro, situada em região portuária” (MAGALHÃES, 2004: 43). Por meio de mapas e documentos históricos e assessorado pela teoria de Alexandre Humboldt, definirá a melhor localização para a nova capital.

A utilização de conceitos geográficos, dentro de uma visão humboldtiana (para Alexandre Humboldt haveria um sistema natural universal, uma espécie de Tao, responsável pelas *Harmonias da Natureza* e pelo funcionamento do Cosmos como um todo), apontava para a hipótese de que as altitudes mais elevadas dos planaltos compensariam as *desvantagens* que a perspectiva do determinismo geográfico colocava como obstáculo ao desenvolvimento das zonas tropicais – os trópicos sempre ameaçados pelo espectro das doenças e da preguiça. Desse modo, as compensações das altitudes reforçavam a opção pelos elevadíssimos chapadões do interior do território brasileiro no planejamento da modernização do País a partir de uma nova geopolítica – a reinvenção nacional a partir de seu centro. Esperava-se com isso atingir objetivos de dinamização das atividades meramente pastoris historicamente estabelecidas e desenvolvidas nos campos de cerrados do Planalto Central. Observa-se então a existência de uma novidade discursiva no claro esforço de associação entre o clima do Brasil Central com os “*ares mais finos e correspondentes aos encontrados na Europa*” (MAGALHÃES, 2004: 46. *grifos do autor*).

Para comprovar pessoalmente se a localização que os mapas indicavam era, de fato, a mais apropriada geograficamente para receber a capital do Império, em 1877, Francisco Adolfo de Varnhagen – neste período já com o título de Visconde de Porto Seguro – pede, oficialmente, ao Governo licença de seis meses do cargo que ocupa como embaixador do Brasil em Viena, na Áustria. Oficialmente, esta licença seria para encontrar novas localidades para o fluxo de imigrantes europeus que chegavam ao Brasil e, encaminhavam-se, prioritariamente, para o sul do país. Todavia, Varnhagen aproveitou-se da viagem para atestar o que já em 1839 começara a defender: a transferência da capital para uma região central do país. E, dia 28 de julho de 1877, escreve da Villa Formosa da Imperatriz – atual município de Formosa – para o Ministro da Agricultura uma carta na qual discorre sobre as melhores localidades para estabelecimento dos imigrantes europeus. A carta iniciava-se: “Villa Formosa da Imperatriz, província de Goiaz, 28 de julho de 1877. Ilmo. Exmo. Sr. Para melhor cumprir as ordens que V. E. se dignou dar-me em Aviso desse ministério de 14 de junho último...” (VARNHAGEN, 1877: 26).

Durante 15 dias, Varnhagen ficou hospedado em Vila Formosa da Imperatriz e, em suas andanças pela região, comprovou tudo o que havia buscado em seus mapas e documentos. Segundo Luiz Ricardo Magalhães, em sua dissertação de mestrado, Varnhagen viu “tudo aquilo que queria ver”, já que afirmava que encontrou aqui os ares mais finos da Europa (2004).

Varnhagen foi, de todos os idealizadores da capital até então, o que mais longe conseguiu ir. Em 1877, o aristocrata, engenheiro, matemático, historiador, diplomata e Visconde de Porto Seguro, embrenhou-se na fadigosa viagem ao centro do país de dimensões continentais e visitou a pequena Vila Formosa da Imperatriz. Com idade avançada (para os padrões do século XIX), 61 anos, estava obstinado em busca de sua eternização no coração da nação que se constituía. Varnhagen queria encontrar o lugar que procurava e “proceder a união entre teoria e empiria para conceber o lugar ideal, o coração do Brasil, e definir sua própria ascensão ao desejado limbo do reconhecimento nacional” (MAGALHÃES, 2004: 57).

Em 29 de junho de 1878 – exato um ano depois de redigir a carta ao Ministro da Agricultura, em Vila Formosa da Imperatriz –, Varnhagen faleceu em virtude de uma pneumonia em Viena, na Áustria. Foi sepultado em Santiago do Chile, à pedido de sua esposa, a chilena Carmem Ovalle. Seus restos mortais estão depositados no monumento a Varnhagen, na Avenida General Osório, em Sorocaba. Na placa deste monumento constam os seguintes dizeres: “Estão aqui depositados os restos mortais de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. Paulista de Sorocaba, o Pai da História do Brasil *17-2-1816 † 29-6-1878. Transladados de Santiago, Chile, no centenário do falecimento. Prefeito Municipal Theodoro Mendes. Sorocaba, 29-6-1978”.

6. METODOLOGIA

O interesse em saber mais a respeito da história de Brasília, surgiu em uma palestra do professor e historiador Luiz Ricardo Magalhães na aula de Comunicação Comunitária. Foi ali que descobri que existem muitas histórias a respeito da ideia, criação e construção de Brasília e, principalmente, me interessei em saber quem era aquele intelectual que, já idoso, aventurou-se na viagem ao interior do Planalto Central para corroborar os estudos realizados na Europa, o Visconde de Porto Seguro. Percebi que naquele auditório, todos estavam tão

surpresos com todas as histórias a respeito da capital do país. Foi aí que decidi reportar o tema.

A pesquisa bibliográfica teve início com o livro *Sertão Planaltino: uma outra história de Brasília* e a dissertação de mestrado *A utopia do centro*, ambos de Luiz Ricardo Magalhães, que tratam dos antecedentes históricos da construção de Brasília.

Este tema também pode ser encontrado nos livros *De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)* de Laurent Vidal; *Brasília e Formosa: 4500 anos de História* de Gustavo Chauvet; *História de Brasília* de Vítor Edgard D’Almeida; *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC* de José Carlos Reis; *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade* de Ernesto Silva e *A Mudança da Capital* de José Adirson de Vasconcelos que foram fundamentais para compreender as motivações que levaram o Visconde, entre outros pensadores, a idealizarem a sede do poder no interior do país.

A pesquisa também passou pelas publicações do próprio Visconde de Porto Seguro, tais como: *Memorial Orgânico* e *A Mudança da Capital: Marítima ou no Interior?*. Documentos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro completaram a pesquisa que ainda contou com a leitura de uma biografia a respeito de Varnhagen e de suas correspondências organizadas por Clado Ribeiro de Lessa (1961).

A primeira tarefa para a elaboração das reportagem foi buscar a revisão bibliográfica. Neste caso específico, tal prática foi essencial, pois grande parte do material disponível sobre o tema encontra-se em livros e documentos. Além disso, serviu para conhecer o personagem principal da história e orientar a próxima fase do trabalho: as entrevistas. Os livros e publicações estudados ajudaram a selecionar as perguntas na hora de fazer as entrevistas e evitou a perda de tempo com questões já conhecidas e publicadas da viagem realizada pelo Visconde.

Para a reportagem foram realizadas entrevistas com historiadores e pesquisadores a respeito da história de Brasília, dos antecedentes históricos da criação da capital e da vida, obra e viagem do Visconde. Infelizmente não foi possível encontrar muitos pesquisadores a respeito do tema e quase todos os caminhos conduziam às mesmas fontes.

Todas as entrevistas foram realizadas entre os dias 30 de abril e 9 de maio e apenas a entrevista realizada com o escritor João Almino foi realizada por e-mail, já que o mesmo se encontra em Roma, na Itália. Com os entrevistados Luiz Ricardo Magalhães, Gustavo Chauvet, Michelle dos Santos, Luiz Henrique de Azevedo, Manoel Martins Pereira, Darcy

Dornelas de Farias e Cleusa Neves da Silva, estive mais de uma vez em entrevistas mais profundas que duraram mais de duas horas.

Lista completa dos entrevistados

Cleusa Neves da Silva	Historiadora do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHG-DF)
Darcy Dornelas de Farias	Historiadora do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHG-DF)
Fabiano Dutra	Empresário e morador de Formosa-GO
Gustavo Chauvet	Pesquisador e superintendente do Arquivo Público do Distrito Federal
Heuller Campos	Empresário e morador de Formosa-GO
João Almino	Escritor, autor da <i>Trilogia de Brasília</i> – composta pelos títulos <i>Ideias para Onde Passar o Fim do Mundo</i> , <i>Samba-Enredo</i> e <i>As Cinco Estações do Amor</i> e do Romance <i>Cidade Livre</i>
Luiz Henrique de Azevedo	Historiador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e mestre da Universidade Estadual do Goiás (UEG)
Luiz Ricardo Magalhães	Historiador – Autor do livro <i>Sertão Planaltino: uma outra história de Brasília</i>
Manoel Martins Pereira	Historiador do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHG-DF)
Michelle dos Santos	Historiadora e mestre da Universidade Estadual do Goiás
Rafaela Pedrosa	Estudante de Pedagogia da Universidade Estadual do Goiás e moradora de Formosa

A escolha pelo formato da grande reportagem, foi devido ao fato de que o gênero é o que mais se aproxima da literatura, podendo aproximar-se da tarefa historiográfica, como abordado anteriormente no tópico “Referenciais Teóricos”. Segundo Edvaldo Pereira de

Lima, em *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* os livros-reportagem que ampliam seus limites temporais e executam verdadeiros trabalhos de historiadores, apresentam características paralelas à da modalidade literária conhecida como romance histórico (LIMA, 1993: 197). Se aplicarmos esta ideia à grande reportagem, poderemos, então, escrever uma reportagem histórica.

A partir da de uma grande reportagem histórica é possível construir uma matéria que seja não apenas informativa, mas que por meio dela seja possível compreender fatos já ocorridos, ou seja, compreender o passado. Ana Beatriz Magno expõe que “notícia informa, reportagem ajuda a entender” (MAGNO, 2006: 8).

Na hora de escrever o texto procurou-se localizar os personagens e principalmente contextualizar os acontecimentos, para que desta forma fosse possível compreender os motivos que levaram o personagem principal a tomar suas decisões. Discorrer sobre casos que aconteceram, apresentado fatos e personagens históricos embasados por referências bibliográficas e por depoimentos de especialistas, foram os principais mecanismos para contar esta história que poderia ser publicada em revista de História, num caderno especial de um jornal, numa revista voltada para textos mais longos e explicativos, tais como a Campus Repórter ou a Darcy, veículos da UnB, que prezam pela qualidade da informação e tem como uma de suas características a publicação de grandes reportagens.

A revista – que em tese abrigaria a reportagem – deve então em sua linha editorial estar aberta a textos mais descritivos, longos e com grande espaço para contextualização dos fatos. O leitor da publicação deve saber que vai ler sobre curiosidade e História. Além disso, o trabalho procurou informar o leitor sobre acontecimentos correlatos e histórias que ajudam a entender os fatos, como por exemplo, o sonho do santo salesiano São Dom Bosco a respeito de uma terra que emanaria leite e mel.

A diagramação da reportagem foi desenvolvida por Julliana Lopes, estudante de Jornalismo da Universidade de Brasília. O projeto gráfico foi inspirado principalmente em revistas como a Campus Repórter, Revista Piauí, Revista Meiaum e Print Magazine.

A diagramação da reportagem tem como conceito principal o registro da viagem do Visconde em um diário. A ideia é que a reportagem seja apresentada como um *travel book cover*, a imitação de um diário de bordo antigo, com elementos mais contemporâneos (como as fotos de Polaroid). As referências utilizadas para foram fotos de diários de bordo antigos – utilizados principalmente em expedições e grandes viagens – e os atuais *scrapbooks* (um álbum fotográfico feito com colagem de fotos e elementos de papel). Os elementos que compõem a página, além do texto, fazem referência a elementos que lembrem as antigas

expedições como bússolas, traços, mapas, rosa dos ventos, todos eles foram utilizados com uma porcentagem de transparência abaixo de 50% para que não interfiram na leitura do texto. São todos vetores em tons de preto e marrom. As fotos são apresentadas como polaróides e dão um toque mais moderno para a diagramação já que a maioria das fotos foram registradas nos últimos meses. A escolha dos tipos também conversa com o conceito de antiguidade e de registros feitos à mão. Porém, a fonte do texto corrido é mais tradicional e serifada para dar legibilidade ao texto.

As cores utilizadas foram: amarelo e tons de marrom, para dar uma ideia de envelhecimento às páginas, como se o leitor estivesse tendo contato com o registro original da viagem; vermelho, que foi utilizado nas fontes *typewriter*, para dar a ideia de escrita com tinta; branco, que foi usado no fundo das fotos e em texturas de papel que representam uma espécie de lembretes colados ao longo do diário.

As dimensões utilizadas foram 210mm x 297mm para a página fechada (inspirado no tamanho da Campus Repórter). A composição da Grid é de seis colunas de texto com margens de 12,7mm. As fontes foram utilizadas da seguinte maneira: PhontPhreak's Handwriting (50pt) para o títulos da material; OldTypefaces (20 pt) para subtítulos e legendas; Charis SIL (9 pt) para texto corrido; Triplex Light (9,5 pt) para boxes e numeração de página (bold, 7pt). Entrelinhas com 12 pt e letras capitulares com tamanho 2.

7. CONCLUSÃO

Este trabalho consumiu alguns meses de longas leituras a respeito da história de Brasília e a respeito da história de um corajoso e pertinente pioneiro que enfrentou o desconhecido para vir pessoalmente o local que futuramente seria considerada a terra da esperança.

Foi a partir de um interesse intrínseco pela história da minha cidade e pelo gosto da leitura de História e histórias que a palestra de Luiz Ricardo Magalhães sobre os antecedentes a respeito da construção de Brasília, motivou minha vontade de contar que antes de Juscelino Kubitschek, outros desbravadores foram importantes para a consolidação de Brasília e ficaram esquecidos pelo meio do caminho. Um caminho que, há pouco tempo, alguns poucos privilegiados estão tendo acesso.

Não foi fácil definir o que, por fim, deveria ser o trabalho. Um livro ou uma reportagem? Quem serão os entrevistados? Estão todos mortos. A tarefa de contar a história de uma viagem que ocorreu há 135 anos e na qual o único registro completo conhecido está perdido há mais de cem anos, assustou minha mente jovem e tão acostumada com o presente e suas efemeridades.

Mais do que ter medo de não saber contar esta história, o maior medo era de não ter fontes que me auxiliassem na tarefa. Teoria que não demorou a ser confirmada: POUCOS historiadores publicaram algo sobre a viagem do Visconde de Porto Seguro ao Planalto Central, na qual definiu precisamente a localização da futura sede da capital do país. Uma história que deveria ser de conhecimento de todos.

Os livros de Luiz Ricardo Magalhães, Gustavo Chauvet, Laurent Vidal, entre outros, tentam, aos poucos, incluir todos os personagens na história da transferência da capital do Brasil do Rio de Janeiro para Brasília. Mas é com o projeto do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal – *DF, seu Povo, sua História* –, que residem as maiores esperanças de que toda a história de Brasília seja espalhada e que, principalmente, as novas gerações tenham acesso a ela. Este projeto tem o objetivo de repassar a história completa da construção de Brasília e seus antecedentes a professores e alunos das escolas de ensino fundamental do Distrito Federal. Para isso, basta agendar uma visita. Apesar da agenda cheia durante todo o ano, o projeto ainda é pouco divulgado.

Aos poucos, os mais de 130 anos da história de Brasília, que eram de conhecimento de uma pequena parcela da população de Brasília – sobretudo os historiadores – estão sendo incluídos nos livros didáticos. Já no quarto ano – antiga terceira série – do ensino fundamental, os livros didáticos ganharam parágrafos a mais que citam José Bonifácio, Francisco Adolfo de Varnhagen e a Missão Cruls. Ainda é pouco perto da importância histórica que estes personagens e acontecimentos têm para consolidação da ideia mudancista, mas é o início da popularização do conhecimento.

Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, que acreditava que a sede do poder, do então Brasil-Império deveria ser levada para o interior do país, foi um dos principais defensores da transferência da capital. O intelectual foi desbravador. Mais que isso, foi pioneiro. Não por ter iniciado a discussão sobre o tema, pois outros vieram antes dele, mas por ter indicado o local e por colocado os pés, nas terras onde seria concretizada, 83 anos depois, a capital do Brasil.

8. ORÇAMENTO

Os gastos com a produção da reportagem foram 110 reais com livros de história indisponíveis nas bibliotecas públicas, cerca de 120 reais com gasolina para o transporte à Formosa (em três ocasiões), cerca de 40 reais em transporte público e mais 180 reais com as seis impressões da matéria.

9. REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

CHAUVET, Gustavo. *Brasília e Formosa: 4.500 anos de História*. Goiânia, Kelps, 2005.

CHAUVEU, Agnès, TÉTAR, Phillippe (org.). *Questões para a história do presente*. São Paulo, Edusc, 1999.

D'ALMEIDA, Vítor Edgard. *História de Brasília*. Brasília, Thesaurus, 1980.

KOTSCHO, Ricardo. *A Prática da Reportagem* (3ª edição). São Paulo, Ática, 1995.

KUBITSCHKE, Juscelino. *Por que Construí Brasília*. Rio de Janeiro, Bloch Editores S.A, 1975.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas, SP, Unicamp, 1993.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo, SANTOS, Mario Vítor (org.). *Manual de Redação da Folha de São Paulo*. São Paulo, Edifolha, 1996.

MAGALHÃES, Basílio de. *Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1928.

MAGALHÃES, Luiz Ricardo. *A Utopia do Centro*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da IFCH. UFG: Goiânia, 2004.

MAGALHÃES, Luiz Ricardo. *Sertão Planaltino: uma outra história de Brasília*. Curitiba, PR, CRV, 2011.

MAGNO, Ana Beatriz. *A agonia da reportagem: das grandes aventuras da imprensa brasileira à crise do mais fascinante dos gêneros jornalísticos: uma análise das matérias vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo*. Dissertação de Mestrado, PPGC-FAC-UnB, 2006.

MARTINS, Eduardo (org.). *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*. (3ª edição). São Paulo, Moderna, 1997.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. (3ª edição). Rio de Janeiro, FGV, 2000.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de Goiás*. Belo Horizonte, MG, Itatiaia; Universidade de São Paulo, 1975.

SANTOS, Michelle dos. *A construção de Brasília nas tramas de imagens e memórias pela imprensa escrita (1956-1960)*. Dissertação de Mestrado, PPGHIS-DHI-UnB, 2008.

SILVA, Ernesto. *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*. (4ª edição). Brasília, Linha Gráfica, 1999.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. *Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. (2ª edição). São Paulo, Sammus, 1986.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *A Questão da Capital: Marítima ou no Interior?*. Viena D'Áustria, Imp. Do Filho de Carlos Gerold, 1877.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Correspondência Ativa*. Organizado por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro, INL, 1961.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Memorial Orgânico*. IN: Vida e Obra de Varnhagen, Revista do IHGB, volumes de 223 a 227. Rio de Janeiro, 1954 e 1955.

VASCONCELOS, José Adirson. *A Mudança da Capital*. Brasília, Gráfica e Editora Independência Ltda, 1978.

VIDAL, Laurent. *De Nova Lisboa a Brasília – A invenção de uma capital (séculos XIX-XX)*. Brasília, Universidade de Brasília, 2009.

WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm Acesso: 20 de setembro de 2012.

Crônica Machado de Assis, disponível em: http://www.cronicas.uerj.br/home/cronicas/machado/rio_de_janeiro/ano1893/22jan1893.html Acesso: 20 de setembro de 2012.

Resenha do relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central, disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:HBis6RWn1JgJ:www.brasiliana.com.br/pop/pop_resenha/3/aa6abc0e7f9e34c8033333f3e38b838e+machado+de+assis+cruls&cd=9&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br Acesso: 20 de setembro de 2012.

